



ESHOJE



ANOS DE  
ESPÍRITO  
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000  
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 19 de maio de 2026 )) Ano XXV )) Nº 1302  
Edição Gratuita Diário )) www.eshoje.com.br

 /eshoje  @eshoje  eshoje  eshoje

ARQUIVO PESSOAL

## ARTIGO

A mitomania dentro  
da família traz a  
quebra de confiança )) 2



## CULTURA

Amanda Chabudé,  
a cerâmica e o cacau  
em exposição no MAES )) 4



DIVULGAÇÃO

# Saúde da mulher: dados são subnotificados no SUS

Um número 21 vezes maior do que registrados no SUS foi identificado por estudo sobre  
dores menstruais e pélvicas incapacitantes, muitas desde a primeira menstruação )) 3

ILUSTRAÇÃO



ELAINE RIBEIRO

# Quando a mentira adoece os vínculos

O “maio mães” em 2026 revela uma força silenciosa e poderosa que vem redefinindo o campo da tecnologia. O fato de ser mãe impulsiona inovação com profundidade e praticidade. A maternidade afina a capacidade de gerenciar múltiplas demandas ao mesmo tempo, desenvolve resiliência emocional elevada, aprimora a priorização estratégica e amplia a empatia prática diante de necessidades humanas reais.

O ambiente familiar, por sua natureza, costuma estar associado ao acolhimento, à segurança e à verdade. Ele é, ou deveria ser, o espaço onde podemos ser quem somos, sem medo de rejeição, e onde as relações podem estar cercadas de confiança. Mas o que acontece quando a mentira passa a ocupar o lugar central nessas relações? Quando distorcer a realidade deixa de ser algo pontual e se transforma em um comportamento padrão? A resposta traz à tona um tema delicado, ainda pouco discutido fora dos consultórios: a mitomania, também conhecida como mentira patológica.

A mentira nunca é algo aceitável e, por vezes, ocorre de forma ocasional. Na mitomania, o que se dá é um comportamento repetitivo, compulsivo, persistente, muitas vezes, difícil de controlar, pois a pessoa mente com frequência,

mesmo quando não há necessidade evidente ou ganho claro.

Nesse falseamento da realidade, as histórias são elaboradas, dramáticas, em alguns casos, até convincentes, ou ainda, se desdobram em pequenas distorções do cotidiano. O ponto central não é o conteúdo da mentira, mas a constância e função emocional que toma na vida da pessoa e o quanto compromete a vida da família.

Um dado importante a ser considerado é que muitos casos de mitomania trazem consigo outros quadros de doenças psiquiátricas e psicológicas, como transtorno de personalidade antisocial, que podem levar o mitomaniaco a um processo de isolamento para não ser descoberto. É uma mentira que tem por finalidade a defesa ou a ideia de maquiagem a realidade. A pessoa que assim vive, tem dificuldade para lidar com

suas realidades, e se coloca em outras situações.

Mas, o que existe por trás desse comportamento? Questões emocionais profundas que envolvem: a necessidade intensa de ser aceito(a), o medo de rejeição, a baixa autoestima e até dificuldades na construção da própria identidade. A mentira passa a funcionar como uma tentativa, mesmo que disfuncional, de lidar com dores internas, o desamparo, histórias de vida mal construídas, dentre outras realidades.

A mitomania dentro da família traz a quebra de um dos pilares mais importantes de uma relação saudável: a confiança. Com isso, o núcleo familiar pode se sentir confuso, inseguro e até emocionalmente exausto. Haverá sempre a dúvida: "isso é verdade ou não?" E depois de tantas mentiras, com o passar do tempo, essa instabilidade pode gerar afas-

tamento, conflitos frequentes e um clima de tensão "silenciosa", além do cansaço e desgaste para todos. Há casos em que surgem reações como confrontos, cobranças e aqueles nos quais ocorre o oposto: evita-se o assunto para não gerar mais conflito, sendo que nenhuma dessas respostas, costuma resolver a situação, ao contrário, amplia o problema.

Por outro lado, não dá para aceitar ou ignorar o comportamento, mas buscar entender o que ele está comunicando. Em muitos casos, a mentira não é apenas enganar o outro, mas sustentar uma versão de si mesmo que parece mais aceitável ou menos dolorosa.

O papel da família é desafiador: encontrar um equilíbrio entre acolher e estabelecer limites, entender essa realidade e não reforçar narrativas irreais que, por si só, já machucam tanto.

Buscar ajuda profissional é um passo importante. A psicoterapia pode oferecer um espaço seguro para que a pessoa compreenda as raízes desse comportamento e desenvolva formas mais saudáveis de relacionar-se consigo mesma e com os outros. Em alguns casos, o acompanhamento familiar também pode ser indicado, justamente para reconstruir a comunicação e fortalecer os vínculos.

Relações saudáveis não se constroem apenas com sinceridade, mas também com escuta, empatia e disposição para enfrentar o que é difícil. É preciso reconhecer o que não vai bem e trabalhar possibilidades de mudança, onde a verdade não encontre o medo e, desta forma, faça que o ambiente familiar reflita a segurança de podermos ser quem somos, vivendo, inclusive, nossas imperfeições.

Vamos construir  
juntos os próximos  
capítulos dessa

HISTÓRIA?




ASSOCIAÇÃO  
NACIONAL  
DE JORNAIS

A opinião dos colunistas  
não reflete o posicionamento  
do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa  
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital  
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.  
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim  
Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110  
Tel. 27 2180-0678  
www.eshoje.com.br  
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL  
Carlos Roberto Coutinho  
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA  
Bianca Coutinho  
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO  
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP  
danihcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO  
Renon Pena de Sá  
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS  
Arquivo  
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO  
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO  
Carolina Boueri  
Eduardo Aencar  
Esthefany Mesquita  
Giulia Reis  
Karla Silveira  
Mariana Cicilioti  
Thierry Khalil  
PH Caetano  
Mary Martins

SIGA NOSSAS  
REDES SOCIAIS:

 /eshoje

 @eshoje

 eshoje

 eshoje

# Dor menstrual: conflito entre relatos e registros

Estudo aponta subnotificação no SUS levando 21 vezes mais casos ocultos em prontuários

REDAÇÃO MULTIMÍDIA  
jornalismo@eshoje.com.br

DIVULGAÇÃO

**M**ilhares de meninas e mulheres convivem com dores menstruais e pélvicas incapacitantes, muitas delas desde a primeira menstruação, mas os registros oficiais do SUS (Sistema Único de Saúde) captam apenas uma pequena fração desses casos. A maior parte permanece invisível.

É o que mostra um estudo conduzido pela Vital Strategies Brasil em parceria com a UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), que identificou, com uso de inteligência artificial, um número 21 vezes maior dessas queixas do que o registrado pelos códigos oficiais de doenças.

Financiada pelo Instituto Alana, a pesquisa analisou dados de mais de 469 mil meninas e mulheres de 10 a 49 anos atendidas na rede municipal de saúde do Recife entre 2016 e 2025.

Foram cruzadas informações dos sistemas de atenção primária, internações hospitalares e notificações de violência para investigar como dores menstruais e pélvicas aparecem -ou deixam de aparecer- nos registros clínicos.

Quando os pesquisadores analisaram apenas os códigos da CID-10 (Classificação Internacional de Doenças), encontraram registros de dor menstrual ou pélvica em apenas 0,5% das pacientes, o equivalente a 1.906 mulheres.

Mas, ao incorporar uma metodologia de análise semântica com inteligência artificial, capaz de interpretar os textos livres escritos pelos profissionais de saúde nos prontuários, o número saltou para mais de 41 mil casos, cerca de 9% da amostra.

O estudo também identificou falhas importantes na qualidade das informações registradas. Em menos de 5% dos casos havia menções à intensidade, frequência ou duração da dor, informações consideradas fundamentais para orientar a conduta clínica.

Ao mesmo tempo, os dados mostram que essas pacientes procuram frequentemente os serviços de saúde. Mulheres com registro de dor pélvica tiveram, em média, 24 atendimentos no período analisado, quase cinco vezes mais do que aquelas sem histórico de dor.

"Elas estão indo aos serviços repetidamente, mas suas queixas não estão sendo ade-



Termos como endometriose e adenomiose aparecem com frequência nos campos subjetivos dos prontuários, destinados às queixas relatadas

quadamente registradas nem acompanhadas", diz Sofia Reinach, gerente de saúde e líder da iniciativa de endometriose, dor pélvica e saúde menstrual do Alana.

A pesquisa também revelou um descompasso entre o que as pacientes relatam e o que efetivamente orienta a condução clínica. Termos como endometriose e adenomiose aparecem com frequência nos campos subjetivos dos prontuários, destinados às queixas relatadas pelas pacientes.

Porém, essas menções diminuem significativamente nos campos "objetivo" e "plano", usados para definir avaliação clínica e tratamento. Na prática, isso sugere que as dores são reconhecidas durante a consulta, mas frequentemente não se traduzem em manejo terapêutico imediato na atenção básica.

"Existem recomendações para manejo da dor na atenção primária, incluindo uso de contraceptivos hormonais e outras estratégias. Mas os prontuários mostram muito mais menções a medicamentos para gases e constipação intestinal do que a tratamentos específicos para dor pélvica", afirma Reinach.

## IMPLANTE

O Espírito Santo, desde fevereiro, recebeu o Implante Subdérmico de Etonogestrel, contraceptivo liberador de etonogestrel conhecido como Implanon.

O método contraceptivo é considerado vantajoso em relação aos já existentes por sua longa duração (age no organismo por até três anos) e alta eficácia. O método foi incorporado pelo Ministério da Saúde para implementação no SUS a fim de integrar as iniciativas de fortalecimento da saúde sexual e reprodutiva das mulheres, com foco na redução da gravidez não planejada e na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos. O público elegível é de adolescentes e mulheres de 14 a 49 anos.

Usuária de plano de saúde, a estudante Cecília Vieira, 22, recebeu o implante e diz que não sente mais as dores incapacitantes que acompanhavam desde os 14 anos, três anos após a primeira menstruação.

"Chegava a desmaiar de dor, ficava muito fraca, faltava às aulas", relata. Ela conta que tentou usar anticoncepcionais indicados pela ginecologista do plano, mas não se adaptou. "Além das dores, ficava enjoada com a pílula e vomitava muito."

## Dor e violência

O ESTUDO também encontrou associação entre dor e violência. Meninas e mulheres com registros simultâneos de dor pélvica e histórico de violência apresentaram prontuários ainda mais incompletos, apesar da maior complexidade clínica.

Nesse grupo, pacientes realizaram em média 35 visitas à atenção primária -cerca de 50% mais do que aquelas com dor sem registros de violência. Adolescentes de 10 a 14 anos apareceram entre os grupos mais vulneráveis.

Para Pedro de Paula, diretor-executivo da Vital Strategies Brasil, a sobreposição de sofrimento físico, violência e adoecimento mental ajuda a explicar a gravidade do problema. "Estamos falando de meninas que passam anos circulando pelo sistema de saúde sem diagnóstico. Isso afeta a escola, a saúde mental, a vida social e o futuro dessas jovens".

Para enfrentar o problema, o Instituto Alana prepara um programa voltado à saúde menstrual, dor pélvica e endometriose, estruturado em três frentes: financiamento à pesquisa, fortalecimento de políticas públicas e



REPRODUÇÃO DA INTERNET

“Estamos falando de meninas que passam anos circulando pelo sistema de saúde sem diagnóstico”

Pedro de Paula

campanhas de conscientização. A organização também discute com o Ministério da Saúde uma linha de cuidado específica para meninas e adolescentes.

# Amanda Chabudé, argila e cacau em exposição

Sua instalação reúne formas cerâmicas no MAES, dentro da exposição “Nice Contemporânea”

REDAÇÃO MULTIMÍDIA  
jornalismo@eshoje.com.br

FOTOS: DIVULGAÇÃO

**A** artista visual Amanda Chabudé participa da exposição “Nice Contemporânea”, em cartaz no Museu de Arte do Espírito Santo, com a instalação Fruto de Ouro, trabalho que estabelece diálogo com a produção de Nice Nascimento Avanza a partir da presença do cacau como elemento simbólico e material.

Na obra, Amanda desloca o cacau da representação visual para a experiência física da matéria, aproximando-o da argila do Vale do Mulembá. A instalação reúne formas cerâmicas desenvolvidas em um processo de investigação da matéria, no qual superfície, tonalidade e densidade são resultado direto das etapas de modelagem e queima.

A artista trabalha a cerâmica como linguagem central de sua pesquisa, articulando temas ligados à memória, território, tempo e transformação. Formada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Amanda também atua como atriz-performer e integra o Grupo de Teatro Experimental Capixaba (GETEC), expandindo sua investigação artística para outras linguagens.

DIVULGAÇÃO



“A argila é central na minha pesquisa porque ela sempre tem algo a dizer e ensinar. Tem ritmo próprio e meu trabalho tenta escutar”



Cacau foi um elemento amplamente explorado por Nice Avanza, inclusive batizado do “Fruto de Ouro” e agora ganha destaque por Amanda

**ES Hoje: Como surgiu a obra Fruto de Ouro?**

**Amanda Chabudé:** A obra surge a partir de um diálogo com as provocações presentes no trabalho de Nice Avanza. Ao me aproximar mais profundamente da trajetória dela, comecei a perceber como o cacau aparecia como um símbolo carregado de camadas, econômicas, afetivas, culturais, sociais e territoriais. O nome “Fruto de Ouro”, dado pela própria Nice, já carrega essa força. Ele fala sobre algo que possui valor, potência e memória dentro de um território, mas também dentro da experiência cotidiana das pessoas. Quando começo a pensar minha obra dentro dessa exposição, trago uma pesquisa que compreende o barro como um repositório de memórias, capaz de guardar vestígios de experiências, modos de vida e atravessamentos do cotidiano. A partir disso, proponho um deslocamento dessa imagem, devolvendo o cacau para o campo da matéria através da argila, uma matéria daqui que também guarda histórias, gestos e fluxos cotidianos, funcionando quase como um corpo vivo do território.

**Como é participar da exposição Nice Contemporânea?**

Existe algo de muito bonito e forte em manter viva a memória de uma artista que marcou a nossa história com seu olhar tão próprio, sua sensibilidade e ousadia fazendo com que sua obra continue reverberando. A memória de Nice permanece viva não só através das obras dela, mas também pelas provocações e produções de pensamento que seu trabalho ainda desperta. Participar dessa exposição é uma oportunidade de nos aproximarmos mais do nosso território, das histórias que ele carrega e da própria trajetória de Nice. Ao mesmo tempo, a exposição cria um espaço potente de troca entre os artistas daqui do estado, aproximando as diferentes narrativas, experiências e os modos de criar.

**Qual a importância da argila em sua pesquisa?**

A argila é central na minha pesquisa porque ela sempre tem algo a dizer e ensinar. Ela possui um ritmo próprio e meu trabalho acontece muito na

“Participar dessa exposição é uma oportunidade de nos aproximarmos mais do nosso território, das histórias que ele carrega e da própria trajetória de Nice”

tentativa de escutar os tempos da matéria. O barro tem sua própria história, se impõe, dita limites, resiste e se transforma e além de tudo nos dá a possibilidade de fabular junto dele.

**Como acontece seu processo de criação?**

Parte de linhas de pesquisa e zonas de interesse, mas, sobretudo, essa investigação nasce do fazer e da observação, a partir do encontro com a matéria. Quando encontro o barro, por exemplo, surgem perguntas que envolvem seu tempo, limites, fluxos, origem e formações

que atravessam aquela matéria. Existe uma escuta constante do que ela propõe durante o percurso. Muitas vezes a obra não nasce de uma ideia fechada e para mim, o espaço para a experimentação é fundamental.

**O teatro influencia sua produção visual?**

Falar de teatro, para mim, também é falar de memória, presença e que provoca alguma transformação. Apesar de serem linguagens diferentes, existe algo em ambas que se conectam nesse sentido e que envolve acessar camadas mais sutis. Eu costumo dizer que o sonho da matéria é se transformar, porque nada é estático, tudo está em movimento. O teatro e o barro provocam a fabulação, criar imaginários e ampliar o modo de perceber o mundo. A experimentação também conecta muito minhas práticas. Gosto de testar possibilidades e descobrir caminhos durante o próprio processo. No teatro, o ensaio é um espaço de construção contínua, e na cerâmica sinto que acontece da mesma forma.